

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Se alguém ha que olhe para a marcha de nossas cousas, e sobre tudo dos nossos homens politicos com alguma attenção, uma das cousas que mais o deve maravilhar são as espantosas reuniões que ahi se realisam todos os dias entre homens, que na vespera pareciam prestes a degolar se. Organisa-se um ministerio: dous mezes ainda não são passados, e já a coalisáo mais monstruosa se acha formada para o deitar á terra. Assim vimos ligados homens, que suppunhamos os maiores inimigos para guerrear o ministerio de 19 de setembro, e a politica que legou ao paiz; vemos hoje a coalisáo mais monstruosa para debellar o actual gabinete. Um só facto, e este provará mais que todas as palavras: o Sr. Aureliano fez parte do ministerio passado, isto é, do ministerio que aconselhou e pediu a dissolução da camara de 1842, e que combateu as rebeliões de Sorocaba e Barbacena; e todavia a voz publica accusa o Sr. Aureliano de formar um pacto, uma liga offensiva e defensiva com aquelles, que por causa da dissolução da camara, com calumniosos pretextos, tomaram armas em Sorocaba e Barbacena. E como este exemplo poderíamos apresentar muitos outros.

E agora perguntaremos: qual será a causa deste phenomeno? Em França e Inglaterra as cousas não se passam deste modo. Em Inglaterra ha *tories* e *wigs*; a passagem de um individuo de um para outro partido é um phenomeno, que faz epocha; trabalha cada qual nas eleições; mas, feitas estas, está decidida a questão com rarissimas excepções; já se sabe quem triumphará nas votações, se os radicaes, se os realistas. Em França é quasi assim mesmo, ou antes é assim mesmo: ha no paiz, e nas camaras uma porção de partidos, por que ha republicanos, bonapartistas, constitucionaes, absolutistas, legitimistas, e ainda outros; cada um destes partidos tem seus chefes, e seus membros; mas um chefe nunca muda de bandeira; um membro nunca abandona o seu chefe: se triumpham, gozam todos dos proes da victoria; se cahem, são

todos envolvidos na derrota, e o que fazem é novamente combater para novamente vencer.

Cá no Brasil ha mais sem seremonia. Forma-se um gabinete; é preciso guerreal-o; correm individuos de todas as côres politicas, unem-se e trabalham em commum; e como o fim desses trabalhos é subir ao poder, lá galgam ao ministerio sem lhe perguntarem quaes eram suas opiniões anteriores, e sem saber o que hão de fazer posteriormente.

E, repetimos, qual é a causa disto? A causa? a causa é por que esses homens não tem convicções, não tem amor ao paiz; tem ambição de subir, e ambição de calcar aquelles que suppozeram, que os tinham embaraçado de subir. Esses homens não tem convicções, por que se as tiveram, não mudaram cada dia; hastearam uma bandeira, e com ella em punho, ou atraz della, marcharam no caminho, que uma vez se houvessem traçado: tem desejo de calcar aquelles, que com sua entrada no poder lhes tiraram a occasião de entrarem elles, para assim satisfazerem suas vinganças, seu amor proprio offendido. E só assim podemos explicar essas continuadas variações, mais rapidas, que as variações da atmosphera. Esses homens, que assim mudam todos os dias, mostram, que nunca estudaram as necessidades do paiz, e que por tanto as não conhecem, e que por tanto são incapazes de subir ao poder para reger o Estado, ou que antepoem considerações muito particulares ao bem publico. Este dilemma cremos que não tem resposta: escolham-nos adversarios o lado, que lhes aprouver; digam se são considerações particulares, que os movem, ou se é ignorancia dos negocios publicos, e por consequencia dos meios precisos para dignamente entrarem para a administração.

Os negocios publicos variam por circumstancias independentes da vontade dos estadistas; e então é licito aos estadistas, sao mesmo obrigados a mudar de medidas; mas quando as cousas permanecem inalteraveis, inalteravel deve ser o homem d'Estado. Se por exemplo a facção vencida em Santa Luzia se tivesse dispersado de modo, que nem houvesse vestigios della, podia o mesmo homem, que

a combateu, unir-se a algum dos que lá combateram; mas quando ella se apresenta ainda de grimpá erguida, pedindo satisfações em lugar de as dar, o homem, que a combatesse, e hoje buscasse sua aliança, mostraria demasiada inconsideração e volubidade, mostraria demasiada falta de caracter. Defender-se-lia, dizendo que errou então, e que agora se quer emendar? Ninguem o acreditaria.

A primeira qualidade, que qualquer homem deve apresentar ao publico, é a convicção dos motivos, que o dirigem. O homem que cada dia muda, não tem essa convicção.

A CONTABILIDADE DA REPARTIÇÃO DE MARINHA.

O prometido é devido. O *Nacional* publicou ali um artigo sobre a contabilidade da repartição de marinha, e nós em o numero anterior promettemos analysar esse artigo: vamos hoje cumprir nossa palavra. Podiamos dispensar-nos disso se nosso fim só fosse dar encomios ao governo, pois que nesse artigo o actual ministro da marinha recebe elogios; mas a verdade deve andar primeiro que tudo; e como ali se offende a verdade, buscaremos restabelece-la.

Pretende o *Nacional* que uma proposta apresentada este anno ao corpo legislativo pelo Sr. Torres, não he mais que a revificação de um pensamento do Sr. Hollanda; quando ministro da mesma repartição, e tomando dali motivo queixa-se, não de que o Sr. Torres fizesse semelhante proposta, que aliás elogia, mas de que sendo deputado e membro da commissão de marinha não tratasse de fazer aprovar o decreto, com que o Sr. Hollanda tinha creado uma repartição de contabilidade. Vai aqui muito erro. O Sr. Hollanda, o homem da contribuição directa, não podia desenvolver uma ideia do modo que a desenvolveu o Sr. Torres: permita-nos o nobre senador, que tão francamente lho digamos; mas os seus discursos ali estão, e fazem prova do que levamos dito: o homem, que sobre a receita do estado tem as ideias do Sr. Hollanda, nunca poderá organizar uma repartição, onde se tomem contas de dinheiros despendidos. E ainda quando muito geito tivesse o Sr. Hollanda, não o podia fazer no caso dado.

Não podia fazer, por que dado que tivesse poderes para crear uma contadoria, o que não podemos examinar, nem julgamos necessario rever seis ou sete leis do orçamento para saber se ainda tinha o ministro da marinha autorisação para tal creação, todavia essa autorisação era limitada: era com a condição de não exceder com as despesas a respeito mais que um certo quantitativo; e com o dinheiro dado não era possível, de modo nem um possível, que tivesse esse Sr. o pessoal necessario para tomar contas de todos os dinheiros, que se gastam pela repartição da marinha.

E em effeito, o que fez o Sr. Hollanda com esse

decreto de 13 de novembro de 1840? creou uma contadoria composta de um contador, tres officiaes, tres amanuenses, e um cartorario. A esta contadoria pertencia tomar contas a todos os empregados responsaveis por dinheiros publicos pertencentes á repartição de marinha; conhecer da moralidade e conveniencia de todas as suas despezas em todo o imperio; organizar os balanços e orçamentos; expedir todas as ordens ás repartições tanto da côrte, como das provincias tendentes á arrecadação e administração da fazenda. Ora, perguntamos ao *Nacional*: fallou seriamente quando disse, que a contadoria do Sr. Hollanda bastava para tudo isto? Sete empregados chegavam para todo este serviço? Podiam escripturar e examinar convenientemente as contas e documentos da receita e despeza de todos os estabelecimentos navaes do Brasil, tomar contas a todos os encarregados de arrecadar e distribuir generos e dinheiro á bordo de todos os navios de guerra, e satisfazer a todos os mais encargos, que lhes marcava o decreto?

E' preciso andar no mundo da lua para acreditar em semelhante cousa.

E, se o Sr. Hollanda se julgava autorizado para crear á sua vontade uma contadoria de marinha, por que razão deixou subsistir as contadorias dos arsenaes do Rio de Janeiro e Bahia, e que attribuições ficavam pertencendo a estas contadorias?

A contadoria do Sr. Hollanda foi uma creação acanhada, isolada, e por tanto sem meios de poder preencher os seus fins: a contadoria do Sr. Hollanda tinha todos os mesmos defeitos, que o *Nacional* assaca á do Sr. marquez de Paranaguá: esta fará absolutamente o que aquella faria, com a differença de ter menos pessoal; mas tanto o regulamento de um como do outro ex-ministro era por extremo defeituoso: a differença, que havia de um a outro é, que um chama contadoria a aquillo, que outro chama secção de contabilidade; mas ambas estavam sujeitas ao official maior da secretaria, de modo que o ordenador das despezas é o mesmo que examina a sua moralidade: nem-uma dellas tinha o numero de serventuarios, que correspondesse ao serviço, que no papel se lhes havia destinado.

Não continuamos por hoje, por que o artigo já vai grande, o que é reprovado por muita gente boa: no proximo numero voltaremos á carga, e mostraremos, que, o projecto do Sr. Torres, remedia quasi todos os inconvenientes, que apresentavam os de seus antecessores.

O Sr. Hollanda tem sua mania de creador, mas, coitado! quando esteve no poder nada inventou, que prestasse; e, fóra do poder, lembra-se de pacificar o Pará com bachareis, e repartir a contribuição e recebê-la dispensando collectores. Com taes ideias não se fazem bons projectos.

MAIS UMA CALUMNIA.

Que cada qual tenha ideias extravagante, pague da

penna, rabisque papel, mande á imprensa, e depois ahi as faça distribuir por quem lhas quizer ler, é cousa que nos a nós se não daria, por que cada qual tem seus gostos: mas que um desasizado se lembre de inventar factos para denegrir reputações, propalando as calumnias mais atrozes, ferindo muitas vezes familias inteiras só para ter o gosto de satisfazer uma pequenina vingança! lá nos custa isso: e muitas vezes lamentamos dentro d'alma que tão repetidos factos ahi estejam todos os dias acontecendo diante dos olhos de todos. E sabem os calumniadores quando chegará a sua vez de serem caluniados? Esses que hoje se riem do fel, que fazem tragar, sabem quando chorarão por terem de tragar fel?

Estas reflexões nos vieram a proposito da insinuação que ahi anda fazendo um contemporaneo de que o Sr. Azevedo fôra despachado desembargador para o Maranhão. Supponho, cremos firmemente, que o Sr. Azevedo é magistrado de inteira honradez: os latidos que por ahi ouvimos, não nos convencem do contrario; por que queremos provas: sem provas não acreditamos factos: mas sabemos que pediu elle ao governo, que o fizesse julgar pelos tribunaes competentes: e mais ainda que elle mesmo pediu demissão do lugar, que occupa.

E' uma calumnia atroz lançada contra o governo, é mais uma calumnia depois de tantas calumnias. Não nos devia admirar, e nem de certo nos admirou: sabemos com que gente lidamos: são aquelles mesmos, que proclamaram como principio — *vencer a todo o custo*: — e a estes não obsta a immoralidade dos meios para chegarem a seus fins: mas apontamos o facto ahi ao paiz para que conheça bem quem são esses apregoadores de esqui-na, que nos chamam corrompidos, e nos dão quantos epithetos lhas vem á cabeça.

Miseraveis calumniadores: respeitai ao menos o decoro publico. E lembrai-vos, que assim como caluniais, podeis ser caluniados. Então clamareis: e então se rião de vós os homens de bem, que hoje lastimam o desgraçado estado a que por taes meios quereis levar o povo.

O SR. MACHADO NUNES E O SR. AZEVEDO.

A accusação intentada pelo Sr. Dr. Azevedo contra uma correpondencia calumniosa da *Sentinella*, tem occupado ultimamente a attenção do publico; e a ordem de prisão expedida pelo Sr. Dr. Machado Nunes contra o responsavel da dita correpondencia tem sido annunciada em algumas folhas desta capital como facto não ordinario; diremos por isso duas palavras em explicação. O Sr. Azevedo intentou dous processos contra o responsavel, um por injuria e outro por calumnia, por que na correpondencia havia imputações calumniosas e imputações injuriosas, segundo as disposições de nosso direito criminal. Ora, estes processos tem andamento differente, segundo a respectiva legislação: um, o de calumnia, tem de ser submettido ao jury; o outro, o de injuria, tem de ser definitivamente julgado pelos subdelegados ou delegados, com appellação para os juizes de direito. O processo por injuria foi intentado perante o juiz municipal da terceira vara, que á final o julgou nullo; houve appellação para o juiz de direito da segunda vara crime, que então servia o Sr. doutor Machado Nunes; este julgou não haver nullidade, e em consequencia proferiu sua sentença. Eis o caso.

Cumpra notar, que o doutor juiz municipal da tercei-

ra vara, não havia absolvido o réo, e deixava direito salvo ao autor.

SENADOR PELA BAHIA:

Acha-se concluida a eleição de um senador pela Bahia, e entram na lista triplíce os Srs. Paim, Galvão, e João Joaquim. Consta-nos que o Sr. Galvão corteja amiudadamente pessoas, que suppõe ter algumas relações com os ministros, e ante ellas protesta sua adhesão ao gabinete, e seus principios de ordem, *lamentando que á força queiram que passe para a opposição.*

Se o Sr. Galvão é ordeiro ou desordeiro, não sabemos nós, mas sabemos que do Rio Grande escrevia ao ministerio affiançando a perfeita tranquillidade da provincia, e a sua plena confiança em Bento Gonsalves, ao mesmo tempo que por quatro mezes fez pernoitar em armas a guarnição de Porto Alegre, e a sua guarda de armas carregadas; sabemos, que durante oito mezes que esteve em Londres como plenipotenciario, avistou duas vezes lord Palmerston então ministro dos negocios estrangeiros; sabemos, que sendo ministro do imperio nada fez, absolutamente nada; sabemos, que este anno na camara dos deputados foi partidista da paz no Rio Grande por qualquer maneira, que fosse. São estes os titulos, com que o nobre desembargador se apresenta candidato a uma cadeira senatoria. E todavia tem razão, por que no senado ha outros com iguaes merecimentos.

Não fallamos do credito de que goza sua senhoria na Bahia, onde não tem quem lhe empreste cinco réis, como elle mesmo nos fez saber em plena camara, por que isso nos parece não serem qualidades politicas, que valham a pena de uma discussão.

NOTICIAS DA EUROPA.

O que desta parte do mundo ha de mais notavel é a visita, que ao rei de França fez a rainha de Inglaterra, passando para esse fim o estreito. Seria mero acto de civilidade? haveria interesses politicos? As folhas publicas não esclarecem de modo algum este interessantissimo problema. Para mera cortesia parece muito; para negocio politico, que haverá de tão transcendente? Será a partilha da Turquia com exclusão da Russia? Pequena questão, como esta da ilha de Otaili, ou outra semelhante, não causava tanto abalo. Será o casamento da rainha de Hespanha? o que seria em fim? nada se sabe. Futuro não mui remoto nos esclarecerá.

NOTICIAS DA AMERICA.

Pelo sul não ha por em quanto novidade; mas pelo norte grande trovada se prepara: quando começará? não se sabe, mas não pôde ser tarde. Uma multidão de candidatos se prepara para a eleição de presidente. A provincia que não favorecer a eleição do vencedor, depois o olhará como intruso; e sendo muitas estas provincias, o que facilmente é demonstrado pela multidão de candidatos, é evidente que não haverá aquelle grão de respeito, que carece a primeira autoridade para bom andamento do governo. A união americana depende de laços mui fracos: a razão os tem conservado até agora; mas as paixões e interesses facilmente fazem calar a razão. Os Estados Unidos quanto á nós formam hoje uma nação mui grande para que possa subsistir com semelhante constituição: ou se hão de fraccionar, e então difficil é saber o paradeiro, ou hão de reformar seu pacto federal, alterando alguns de seus artigos fundamentaes. Entre as provincias

ha grandes rivalidades; e estas cada dia crescem, não diminuem.

REVELAÇÃO.

Ahi está o Sr. Limpo, que uma das vezes, que fomos á sua casa, achando-a cheia de *patriotas*, que queriam Africanos, elle nos disse — Já sei que também pretendem um Africano, — e nós lhe respondemos: — não Sr. — Tal e qual ali se vê, está escripto no *Pharol* n. 89 logo na primeira columna. Que patriotas, que cercavam o Sr. Limpo? E como estava habituado esse Sr. que todos os que lhe entravam pela porta dentro já supunha, que lhe iam pedir Africanos! Vá o *Pharol* descobrindo estas cousas, que fará verdadeiro serviço: e sirva ao menos em desconto de tantos peccados, que cada dia está commettendo.

LA SE AVENHAM.

Qualquer da *patriotica* sucia do *Nacional* faria o mesmo? não olharia logo para as mãos do ministerio? no dia seguinte ou nesse mesmo não deixaria na respectiva secretaria um requerimento bem documentado? sem duvida alguma. E o *Pharol* que assim o diz ao *Nacional*: elles lá se entendem.

CONFISSÃO INGENUA.

Diz o *Pharol*, que o partido a que pertencia o anno passado, era de individuos, que a inveja e a fome devorava, de modo que os levava a devorar seus proprios correligionarios. Pertencerá hoje a outro?

GOSTOS DO -- NACIONAL.

O discurso do Sr. Hollanda sobre a parte do orçamento relativa á receita, mereceu os gabos do *Nacional*. Bem diz o rifão, que sobre gostos não ha disputas. Foi aquelle discurso, em que o Sr. Hollanda disse, que contribuição directa é aquella, em que o ministro vai directamente á casa do contribuinte buscar a sua contribuição; e em que disse que o melhor *systema* financeiro é o turco.

AS BAIONETAS.

Disse o Sr. Honorio que nas eleições de 1840 tinham entrado tropas em Santa Rita, de baionetas caladas; ora, o facto não aconteceu em Santa Rita, porem em Santa Anna: que trovoadas veio por isso ao nobre ministro? porque disse Santa Rita em vez de Santa Anna, tomou o *Nacional* motivo para vomitar todas as injurias, de que está sempre preñhe o seu bestunto: desaforo, lama, insulto, falsidade, ignobil, infame, mentira, opprobrio, grosseiro, e mais ali uma porção de termos semelhantes, tudo em meia duzia de linhas! E o facto aconteceu exactamente, havendo apenas a differença de ser em Santa Anna, por que em Santa Rita os cidadãos não quiseram ir experimentar a força dos *ipés*.

Desta polidez bem se conhece que o *Nacional* não tem geito para polemica de regateiras: elle mesmo foi quem o disse e deve ser acreditado em sua palavra honrada.

ESCOLHA DE UM SENADOR.

Tomando daqui pretexto, o *Nacional* dirige as costumadas insolencias ao ministerio, que assim por tabella vão recahir em pessoa mais elevada, e a quem pertence livremente a escolha dos senadores, depois de apuradas as listas triplices; e a linguagem do *Nacional* é tanto mais de notar, que tal escolha não tem a mais pequena pressa. Ora, note-se que cuidados bem graves de familia, tem trazido occupado o animo de S. M.: a doença de sua augusta esposa e de sua augusta irmã, parece que são motivos mais que bastantes para justificar qualquer demora, que por ventura houvesse.

Mas que importa isso ao *Nacional*? tira elle sua pedrada, e dá onde der. Ah! Collega!

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Sempre que vejo qualquer numero da sua folha, lanço-me a elle; ansioso; porem qual! Vm. parece que de proposito não me quer satisfazer. E' o titulo do seu periodico — O ECHO DO RIO, *Jornal Politico e Litterario*; porem li o 1.º n. e nem pitada sobre litteratura; li o 2.º, ainda menos; li o 3.º, o 4.º, o 5.º, até ao 23, e sempre nada, e nada nesse genero! Ora, se Vm. estiveasse escrevendo em outra qualquer parte do mundo, mesmo na Europa, eu o desculparia dessa omisão; mas que aqui no Rio de Janeiro o ECHO permaneça calado no meio do incremento maravilhoso que vão tendo as sciencias e as letras, é isso imperdoavel e digno de correção.

Por exemplo, installou-se ultimamente a "Sociedade Cultivadora da Litteratura Brasileira" já tem celebrado algumas sessões, e finalmente está constituída de todo; e o ECHO nem uma palavra tem dado! Será talvez por que receie comprometter-se com as illustres capacidades que a adornam, ou será por menos preço, e acreditando nas calumnias por ali propaladas! Em quanto áquillo, não procede a razão; em quanto a isto, citarei os bellos versos do tragico portuguez

O tu que tens de humano o gesto e o peito,

A estas *criancinhas* tem respeito.

Pois quem será capaz de escurecer o merito scientifico d'esses meninos-velhos? quem?... — Mas suspenderei a penna para esperar a decisão de Vm., que, no caso de se não querer metter nisso, se dignará dizer-me se quer aceitar alguns artigos meus sobre o assumpto. — Sou, Sr. redactor

Rio de Janeiro, 21 de outubro.

— Temos a declarar ao nosso correspondente, que acudimos á aquillo que julgamos mais necessario. Sabemos da existencia dessa sociedade, mas não vimos ainda produções della ou de alguém para dar conta ao publico.

Alguns artigos temos promptos sobre litteratura e sciencias, que iremos dando á proporção que formos tendo occasião; entretanto não teremos duvida inserir qualquer correspondencia que o mereça, tragam ou não versos de epico ou tragico.